

i

05-09-2013

Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

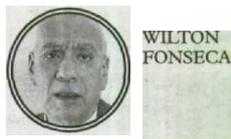
Tiragem: 80000

Temática: Política

Dimensão: 108

Imagem: S/Cor

Página (s): 13



Caldinhos e canibalismo

Durante décadas, os jornais diários foram comparados, notícia a notícia. Os secretários de redacção observavam como cada assunto fora tratado e a razão das eventuais “falhas”.

“Falhar” uma notícia era grave. Se um jornalista “falhasse” um acontecimento podia recorrer à instituição do “caldinho”, uma forma de obter de um colega o essencial sobre o assunto (não havia agências de comunicação, os porta-vozes eram raros). Não se dizia “não” a um “caldinho” – era uma questão básica de solidariedade profissional.

Ao contrário do “caldinho”, o canibalismo puro e duro que actualmente se vê nos telejornais, principalmente aos fins-de-semana, não é consentido. Os jornais são lidos apressadamente, as manchetes são confirmadas ou desmentidas, preparam-se gráficos e imagens de arquivo. Se de política se trata, são pedidas opiniões a todos os partidos – começa-se pelo PSD (se a notícia favorece o PS) ou pelo PS (se a notícia favorece o PSD) e termina-se monotonamente com o BE.

O “Expresso” traz uma investigação em primeira página? Aí está o tema de abertura dos telejornais de sábado. O “Público” ou o DN publicam uma entrevista no domingo? É com ela que os telejornais são abertos. A menção da fonte não é importante. Por vezes as estações de televisão já vão a meio das notícias quando se lembram de indicar um “acrescenta o Expresso”, um “diz ainda o DN” ou um “afirma por outro lado o Público”, que ainda não haviam referido. Os telespectadores, assustados e confusos, mudam de canal.

Pôr os pontos nos ii: deixar a situação bem clara, sem margem para equívocos (Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa).

Jornalista, escreve à quinta-feira